

IN-CORPO(R)-AÇÃO - DIÁLOGOS PSICANALÍTICOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE PARA ALÉM DO NORMATIVO¹

Isabela Martins Junqueira Kneip Ramos²

Marília Barroso de Paula³

RESUMO:

Compreendendo que existe na psicanálise, desde seus primórdios, abertura para a compreensão e aplicação de perspectivas não normativas acerca das vivências de sexualidade e gênero, o presente artigo constitui uma pesquisa exploratória por meio de revisão bibliográfica de obras freudianas e lacanianas clássicas, bem como de seus comentadores, que promove o levantamento de conceitos denotadores de tal abertura primordial e sua subsequente correlação com as discussões vigentes acerca da temática. Assim, utilizando da visão patoanalítica, da bissexualidade constitutiva, das fórmulas da sexuação e do discurso da histérica, de Lacan, evidencia-se o convite psicanalítico à fuga da norma e ao acompanhamento das expressões dos seres, constantemente se renovando. Nesse sentido, por meio desse percurso, espera-se contribuir à temática evidenciando a existência de embasamento teórico para uma escuta além da fixação no binarismo heterossexual para definição do indivíduo, entendendo sua incapacidade de abarcar o todo que constitui a vivência identitária e desejante humana.

Palavras-chave: Psicanálise. Sexualidade. Gênero. Clínica-psicanalítica. Bissexualidade.

IN-CORPO(R)-AÇÃO: PSYCHOANALYTIC DIALOGUES ON GENDER AND SEXUALITY BEYOND THE NORMATIVE

ABSTRACT:

Considering that, since the creation of psychoanalysis, an opening for comprehending and applying non-normative perspectives on gender and sexuality is promoted, this article constitutes an exploratory research that, by the revision of classical Freudian and Lacanian works, along with its commentators, assembles a gathering of concepts that denote the previously said primordial opening, which are subsequently connected with contemporaneous discussions about the subject in question. Therefore, by using the *l'anthropopsychiatrie*, the constitutive bissexuality, the formulas of sexuation and the four discourses – emphasizing the discourse of the hysteric – is demonstrated the psychoanalytic invitation to evade the normativity and to walk along

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas; práticas clínicas. Recebido em 24/10/22 e aprovado, após reformulações, em 24/11/22.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: isabelakneip@hotmail.com

³ Mestre em História e Filosofia da Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mbpsique@yahoo.com.br

the constantly renovated human expressions. In this regard, it is intended not only to contribute to the ongoing discussions on this theme, but also to show the existence of theoretical background for an analysis that goes beyond the heterosexual binary in its vision of the being, understanding its insufficiency against the totality of the human experience and desires.

Keywords: Psychoanalysis. Sexuality. Gender. Psychoanalytic-clinic. Bissexuality.

1 INTRODUÇÃO

O processo de criação e desenvolvimento de uma teoria psicológica deve (idealmente) constituir-se de uma constante metamorfose, dispendo-se a descartar, aderir e/ou modificar seus componentes de acordo com a fluência humana que se apresenta a cada momento social, nos diversos âmbitos que compõem o todo. Ao considerar a teoria psicanalítica, nota-se que o princípio do não enrijecimento ocupa um lugar central desde suas bases históricas, visto que, ao acompanhar as expressões de um inconsciente enigmático, é necessária uma escuta disposta a receber e compreender a ininteligibilidade total do ser que ali se coloca. Nesse sentido, ao dar palavra à angústia e lugar ao gozo, a psicanálise se faz local de choque à norma, libertação e reconstrução do eu e dos limites que se fazem presentes à realidade do psiquismo.

Isto posto, considerando as aberturas à subjetividade plural constitutivas à teoria psicanalítica, o presente estudo propõe o direcionamento do olhar às experiências de gênero e sexualidade que se apresentam na atualidade, no sentido de mostrar seu pertencimento à escuta e teoria da psicanálise. Embora constantemente silenciadas pela norma social, essas expressões estabelecem um novo espaço, novos significantes e novas possibilidades ao sujeito tanto em sua vivência individual quanto em sua relação com os outros – fatores esses essenciais à compreensão da experiência humana.

Dessa maneira, utilizando da revisão de obras freudianas e lacanianas clássicas, de seus comentadores e de teóricos da atualidade que se dedicam ao tema, a presente pesquisa exploratória pretende trazer à luz alguns dos conceitos psicanalíticos básicos e articulá-los aos debates vigentes, articulando alguns caminhos para o repensar da escuta clínica dirigida a essas questões, que traz

consigo potência para questionar a norma binarista imposta.

Para tal, primeiramente será feito um breve mapeamento da construção histórica do sexo. Em seguida, utilizando de textos clássicos freudianos e lacanianos, bem como de seus comentadores, serão levantados e correlacionados conceitos chave para a evidenciação da abertura psicanalítica a experiências outras que não normativas de gênero e sexualidade, bem como do lugar ocupado pela psicanálise na discussão aqui proposta, para, por fim, chegar nas discussões atuais acerca do tema, auxiliadas por psicanalistas contemporâneos que dizem acerca das possibilidades teóricas e clínicas que, já existentes, porém muitas vezes esquecidas ou deixadas de lado, devem ser implantadas à uma psicanálise realmente coletiva.

2 A CONSTRUÇÃO DO SEXO

Ao tratar de questões constitutivas à humanidade, jamais é possível considerar apenas uma perspectiva ou crer na possibilidade de uma verdade. Historicamente, todo desejo humano de saber, criar e ser, se faz por meio de choques, inconsistências e constantes reelaborações. Thomas Laqueur (2001), em sua anatomia do desenvolvimento histórico dos conceitos de corpo e gênero, **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**, utiliza de levantamentos antropológicos, biológicos, filosóficos e sociológicos para construir uma linha temporal dos caminhos percorridos para o entendimento da dimensão sexual humana.

Partindo de uma análise documental, Laqueur (2001) mapeia o principal caminho da percepção sexual que inicia da crença em um sexo único, onde as diferenças dos órgãos masculinos e femininos se dariam apenas pela capacidade de externar ou não os aparelhos reprodutores, resumindo-se na perspectiva de maior ou menor perfeição, em que os corpos com maior vigor seriam capazes de “completar” seu desenvolvimento sexual com a manifestação do pênis e dos testículos, enquanto os com menos, permaneciam com as estruturas invertidas em seu interior.

Apesar das descobertas acerca do funcionamento biológico humano - como a diferença da capacidade da concepção -, o valor e significado das secreções dos diferentes tipos de corpos, o papel do orgasmo e o funcionamento do mecanismo de fecundação (LAQUEUR, 2001), o caminho para construção e entendimento da esfera

sexual humana jamais se fez afastado das particularidades da coletividade e do constante jogo de poder vigente, bem como do peso das representações sociais:

[...] refere-se à forma como o corpo era compreendido com relação à cultura. Não era a rocha firme biológica sobre a qual inúmeras outras características supostamente tinham como base. [...] A ordem e a hierarquia lhe eram impostas de fora. O corpo de sexo único, por ser interpretado como ilustrativo e não como determinante, registrava e absorvia qualquer número de mudanças nos eixos e apreciações de diferenças. Historicamente, as diferenciações de gênero precederam as diferenciações de sexo. [...] Em um mundo público predominantemente masculino, o modelo de sexo único apresentava o que já era muito evidente na cultura mais genérica: o homem é a medida de todas as coisas, e a mulher não existe como uma categoria distinta em termos antológicos. (LAQUEUR, 2001, p. 75)

Nessa continuidade, no final do século XVIII, o modelo citado anteriormente deu lugar à percepção radicalmente dismórfica e opositória dos sexos, passando de uma concepção de similaridade para o entendimento de uma diferença primordial, natural, que definiria masculino e feminino; sendo esse o entendimento que ainda se sobrepõe ao tema na atualidade (LAQUEUR, 2001). Mudam os referenciais, mudam os parâmetros, tornando-se impossível esgotar todo o mapeamento desse caminhar histórico-científico. Contudo, mantém-se invariável a impossibilidade de pensar uma neutralidade biológica para a criação de tais conceitos que, mesmo partindo de estruturas naturais, perdem qualquer relação com a realidade após passarem pelo filtro dos discursos:

[...] o novo conhecimento sobre sexo de forma alguma vinculou as afirmações sobre a diferença sexual feitas no seu nome. Nenhuma descoberta ou grupo de descobertas originou o modelo de dois sexos, precisamente pelas mesmas razões que as descobertas da Renascença não originaram o modelo de sexo único; a natureza da diferença sexual não é suscetível a exames empíricos. É logicamente independente de fatos biológicos pois, já impregnada na linguagem da ciência, pelo menos quando aplicada a alguma construção culturalmente ressonante de diferença sexual, está a linguagem do gênero. Em outras palavras, tudo menos as declarações mais restritas sobre sexo são, desde o início, carregadas de trabalho cultural feito por essas proposições. (LAQUEUR, 2001, p. 193)

Percebe-se que a definição dos sexos, seu posicionamento social e seu significado se fizeram mutáveis, não limitados pela implacabilidade da realidade biológica, mas manipulados de acordo com as circunstâncias de cada momento e as intenções dominantes (LAQUEUR, 2001). Além disso, a importância da instância do

gênero é demarcada por dar contorno à identidade do ser, indeterminado corporalmente, mas moldando-se a cada modelo, a cada perspectiva e às peripécias da linguagem.

Mesmo que aparentemente interligados pelo discurso normativo, sexo biológico e gênero acabam por se mostrar forças individuais, que ocupam e percorrem o corpo, mas devem ser compreendidas além da impressão/imposição de unidade e congruência entre elas:

[...] a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2021, p. 26)

A fim de iniciar a localização da discussão que pauta o presente artigo, faz-se necessária a desvinculação gênero-sexo-norma binária, entendendo que, a partir do momento que os significados culturais se aplicam a um corpo sexuado, até mesmo de forma anterior à matriz biológica, descontinua-se a relação de correspondência corpo-gênero, bem como a restrição da possibilidade desses significados (BUTLER, 2021). Como é esclarecido a seguir:

[...] mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição [...], não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2021, p. 26)

Ao admitir a opacidade das verdades estabelecidas sobre sexo e gênero, admite-se a validade de outras existências fluentes dessas que, à margem da norma, não se fazem propagadas, mas existem e persistem.

3 CONCEITOS BASE

Feito o levantamento anterior acerca do entendimento das instâncias de sexualidade e gênero, bem como de sua relação com a psicanálise, faz-se relevante

a seguinte articulação de alguns conceitos primordiais às teorias freudiana e lacaniana, que carregam consigo a evidência e o potencial teórico à abertura à diversidade subjetiva das vivências de sexo e gênero, ao mesmo tempo que discordam da possibilidade da “desnaturalização” ou patologização desses em detrimento de uma norma fundamentada pelo preconceito e controle social.

3.1 PATOANÁLISE

Cunhado por Jacques Schotte (1990 apud VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016), a leitura *patoanalítica* da psicanálise constituiria um viés antropológico voltado à crítica da separação normal e patológico, presentes nas formulações freudianas, trazendo à tona a analogia do cristal, realizada pelo próprio Freud (1969) nas **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**, publicadas entre 1932 e 1936, onde aponta a similaridade das potenciais rupturas egóicas com as linhas de separação estruturalmente pré-definidas de um cristal:

[...] bem conhecemos a noção de que a patologia, tornando as coisas maiores e mais toscas, pode atrair nossa atenção para condições normais que de outro modo nos escapariam. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo. [...] Eles, esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais da realidade interna, psíquica, e podem revelar-nos muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis. (FREUD, 1969, p. 77)

A proposta *patoanalítica* buscaria retornar tal olhar à prática da psicanálise, não recorrendo à imposição de uma normalidade irreal, mas à perspectiva dos excessos sintomáticos/ “patológicos” como um relato aumentado do que se passa na vida interna coletiva de forma encoberta (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016). Assim, o caminho desenvolvimentista estabelecido pelo Complexo de Édipo, que será tratado mais a frente, preferido por Freud afasta a teoria das amplas possibilidades de leitura do indivíduo, limitando-o a estruturas fechadas que de forma alguma conseguem capturar a totalidade da essência humana, revelada através dos escapes excessivos

que fogem do aceitável à norma.

Em posterior levantamento feito pelos autores, é evidenciada a ambiguidade latente na posição de Lacan que, por vezes, aproximava-se da *patoanálise* ao conectar saúde psíquica, patologia e expressão cultural e, em outros momentos afastava-se, recorrendo à sua leitura estruturalista que deixava em voga a sombra do pensamento freudiano, com a reprodução de preconceitos naturalistas e normativos que inviabilizavam a ampliação do olhar dirigido à pessoa e às suas reais expressões e características.

Embora a ênfase estrutural e desenvolvimentista mantenha-se forte em suas produções, posteriormente o autor se afasta dessa, dando início à clínica do real, onde o saber sobre si passa a ocupar o campo do incompleto (FORBES et al, 2014); sendo também importante citar que, Lacan (1985), em seu seminário 20: **Mais, ainda (1972-1973)**, depara-se com a impossibilidade da relação sexual quando definida por opostos e com a própria incapacidade em definir o gozo feminino, necessitando retornar à perspectiva *patoanalítica* através de suas fórmulas da sexuação⁴, referindo-se à experiência do ser atravessado pela linguagem não reduzida ao sexo biológico ou a formulações normativas, mas sim às pluralidades da entrada na cultura partilhadas por todos.

3.2 BISSEXUALIDADE, DISCURSOS E FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO

Iniciado através de correspondências entre Freud e Wilhelm Fliess (1986), o conceito de bissexualidade passa a ser estabelecido, na visão psicanalítica, a partir da percepção de sua disposição como inata ao humano, partindo desde expressões orgânicas, com a existência de traços de ambos os aparelhos sexuais (masculino e feminino) em todos os corpos, consideradas como “[...] indicações de bissexualidade, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos [...]” (FREUD, 1969, p. 113), transferindo tal impressão ao psiquismo, em suas maneiras de existência.

⁴ Como explicado no tópico seguinte, referem-se às formas de inscrição no discurso, onde o sujeito, podendo optar fluentemente pela posição masculina e feminina, estabelece-se perante a linguagem (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016)

Como levantado por Van Haute e Geyskens (2016), a inclinação coletiva à bissexualidade mostra um entrave à fixação estrutural das identidades de gênero e ao estabelecimento da heterossexualidade como norma à visão psicanalítica, gerando assim um confronto direto com o entendimento sobre a escolha do objeto de desejo e com a formulação desse.

Retomando a perspectiva *patoanalítica*, Freud (1969) atribui aos sintomas histéricos uma natureza bissexual que, como já citado, passam a pressupor uma disposição geral intensificada na experiência patológica. Assim, é recomendado pelo autor estar preparado para deparar-se com o significado bissexual durante a prática psicanalítica. Como postulado por Carneiro e Lazzarini (2020, p. 158):

A dimensão bissexual do ser humano já se apresentava nas primeiras ideias freudianas para a formulação de uma etiologia das neuroses. Progressivamente, a bissexualidade psíquica fundamentou as teorizações sobre o recalçamento, o desenvolvimento psicosssexual infantil e o complexo edípico. Passou a ocupar um lugar substancial na formação das neuroses, particularmente no estudo da histeria. Até finalmente alojar-se no centro da teoria freudiana [...].

Ao avançar a teoria psicanalítica em direção à teoria dos discursos, ao estabelecer a linguagem como condição do inconsciente, Lacan (1992) utiliza de quatro discursos (do mestre, do universitário, da histérica, do analista e do capitalista) para orientar os quatro lugares que, articulados entre si, constroem o laço social (ÁLVARES, 2006). Nesse sentido, alternando entre as posições de agente, outro, produção e verdade, definem o discurso nos seguintes elementos: significante mestre (S_1), o saber (S_2), o sujeito barrado ($\$$) e o objeto *a* (a)⁵ (LACAN, 1992).

Dentre os citados anteriormente, no presente trabalho será destacado o discurso da histérica como uma possibilidade de auxílio à compreensão das experiências diversas do normativo, já que tal discurso é o responsável por evidenciar

⁵ “A ênfase que Lacan coloca na linguagem como um sistema de significação é um elemento central. O significante é o elemento que determina o curso do desenvolvimento do sujeito e a direção de seu desejo. Lacan utiliza fórmulas que expressam relações num dado momento da articulação dos termos: sujeito, saber, objeto *a*. Estes termos se movimentam em torno de quatro lugares: o lugar de um agente, que é o que aparentemente organiza o discurso, lugar do Outro ao qual o discurso se dirige; o lugar da verdade, que fundamenta o discurso e o lugar da produção, que marca o produto engendrado pelo discurso. Nessa articulação entre sujeito, significante, saber e objeto *a*, movimentam-se numa continuidade e não como causa-efeito, se substituindo nos lugares de agente, Outro, verdade e produção. Lacan utilizou letra em lugar de palavras. Os quatro discursos se sustentam na matemática e se enlaçam na contemporaneidade.” (ORNELLAS, 2012, p. 4-5)

a impotência da intenção de produzir-se uma verdade, conservando assim o lugar faltante definidor do sujeito (\$) enquanto gera saber (DIAS, 2017). Além disso, em consonância com a perspectiva previamente referida da histeria como representante do questionamento constituinte ao binarismo sexual, o discurso em questão implica justamente a exposição da impossibilidade de tamponamento do que falta em si e no outro, bem como a impossibilidade de estabelecer a ambos uma verdade que os esgote.

Por fim, voltando-se às formas de inscrição no discurso, Van Haute e Geyskens (2016) apontam que Lacan estabelece as duas posições (masculino e feminino) que podem ser ocupadas pelo sujeito da linguagem confrontado com a diferença sexual, com a lei fálica⁶ e com a impossibilidade dessa última de abarcar a completude real da diferença sexual, visto que, simbolicamente ela se dá apenas com referência ao significante da falta; havendo assim apenas um ponto de referência para determinação de ambos os sexos.

Ao contrário do que se pode pensar, Lacan (1985) não estabelece uma escolha fixa determinada biologicamente pela posição masculina ou feminina em suas fórmulas, mas discorre sobre fluentes possibilidades de habitação na linguagem. Estas podem ser ocupadas por qualquer ser, independente das características que possui, não sendo liberto da tensão estrutural constituinte da subjetividade humana (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016).

3.3 GÊNERO, SEXUALIDADE, CORPO E NORMA

De forma específica, os significantes se fazem menos rígidos, sendo reescritos e “re-concatenados” de acordo com o referencial da época, com os jogos de poder e com o ideal científico vigente. Para Laqueur (2001, p. 285):

Tanto a migração da sexualidade feminina quanto a oposição entre a vagina e o pênis devem, portanto, ser compreendidos como representações de um ideal social de uma outra forma. A um nível formal, a oposição entre a vagina e o

⁶ Ao estabelecer o falo como marcador da condição de investimento energético, tornando-se assim marcador das relações objetais justamente por sua ausência ou presença, Freud estabelece o primado do falo como marcador da perda - castração. Assim, o marcador corporal do pênis transfere-se ao símbolo fálico que, ameaçado pelos limites impostos pela cultura, estabelecem a submissão da satisfação ao limite dessa lei. (SPÍNOLA, 2001)

pênis representa um ideal de paridade. O absurdo de pegar uma criança com problemas polimorfológicos e transformá-la em um homem ou uma mulher heterossexual tem uma correlação orgânica no corpo, em oposição aos sexos e seus órgãos. Em termos mais amplos, o que poderia ser chamado de patriarcado talvez tenha parecido a Freud a única forma possível de organizar as relações entre os sexos, levando-o a escrever como se seus sinais no corpo, pênis externo ativo *versus* vagina interna passiva, fossem “naturais”. Mas na questão de Freud de que “a mulher sai da infância com uma tendência bissexual”, a palavra “mulher” refere-se claramente, não ao sexo natural, mas ao gênero teatral, a papéis sociais definidos.

Em **Mal-estar na civilização**, Freud (2010) discorre sobre os impactos psíquicos e corporais do estabelecimento do princípio da realidade⁷, onde o sujeito passa a se relacionar profundamente com “a escolha” entre prazer e desprazer. Assim, em um funcionamento onde abdicar de seus impulsos implica na participação da normalidade social, transcende-se aqui uma prática de proteção “ao funcionamento comunitário” através da repressão de expressões exageradas de desejo ou agressividade, estabelecendo-se um controle social dos corpos, “perversificando” as expressões do que é considerado “sujo”, implicando a essas uma punição não natural, mas sim social. Pode-se compreender que o biopoder, conceito foucaultiano, se dá por meio de “[...] tentativas mais ou menos racionalizadas de intervir sobre as características vitais da existência humana” (RABINOV; ROSE, 2006, p. 26).

Nesse sentido, o poder exercido não denota sua presença de forma soberana, nem se conserva em um local, mas sim irradia-se capilarmente entre as relações, estabelecendo-se sobre a vida por meio de conhecimentos, leis e costumes, visando o controle de fenômenos e dos próprios processos humanos (FURTADO; CAMILO, 2016). Nessa contraposição entre expressões e vivências naturais *versus* controle que os delimita e enquadra, a relação das experiências de gênero e sexualidade de um corpo atravessado pela norma é bem comentada por Laqueur (2001, p. 285-286):

A civilização, como um povo conquistador, sujeita os outros à sua “exploração”, prescreve “manifestações de vida sexual nas crianças”, torna o “amor genital heterossexual” a única forma permitida, e ao fazer isso pega a criança, “um organismo animal (como outros) com uma inconfundível tendência bissexual” e molda-a para ser *ou* um homem *ou* uma mulher. O poder da cultura é representado, portanto, nos corpos; forja-os, como em uma bigorna, no formato necessário. [...] O argumento de Freud, que passa por séculos de

⁷ Como definido por Freud (2016), o princípio da realidade seria um substituto da busca primária do aparelho psíquico por prazer instantâneo, instituindo a tolerância temporária do desprazer, adiando assim a satisfação, sem dela desistir; porém atuando num sentido de autoconservação em detrimento da busca desordenada por satisfação imediata.

conhecimento de anatomia, é um testemunho à liberdade com a qual a autoridade da natureza pode ser retoricamente apropriada para legitimar as criações da cultura.

O mesmo autor focaliza a dificuldade de adequação dos corpos à cultura, onde os estabelecidos dois sexos não se fazem necessários e/ou naturais, mas sim frutos de uma generalização simbólica, sendo o discurso sobre diferenças sexuais tão livre quanto o pensamento.

Ainda sobre as diferenças sexuais, Paulo Roberto Ceccarelli (1999), em um congresso voltado para psicopatologias em 1997, destaca o posicionamento de Freud acerca da dificuldade de definição de masculino e feminino, enxergando-os como um complexo processo que extrapola a anatomia e fisiologia, localizando assim pontos de abertura às teorias de gênero na psicanálise clássica. Além disso, traz a não determinação da vivência de gênero pelo sexo anatômico, constituindo esses (gênero e sexo) dois movimentos distintos.

Assim, feminilidade e masculinidade tornam-se definidores de identidade da ordem do significante, sendo a partir da inscrição na função fálica que se dará o posicionamento nessa instância; dizendo assim não sobre realidades objetivas e naturais anatômica e biologicamente, mas diretamente dependentes das formas culturais de que derivam (CECCARELLI, 1999), trazendo o peso do atravessamento da norma e do que é selecionado para essa transmissão.

4 O LUGAR DA PSICANÁLISE

Como apontado por Falbo (2016), a impossibilidade de definir um conceito para a imensidão da existência humana se faz congruente a não ignorância às pluralidades possíveis às vivências de sexualidade e gênero, jamais passíveis de redução a um “normal”. Atentar-se ao papel do discurso em todo esse desenvolvimento, bem como ao entendimento das esferas da sexualidade humana, faz-se terreno fértil à psicanálise que, desde seus primórdios, como será elaborado mais a frente, mantém importante posição nessa temática. Como apontado por Butler (2021), Freud admite sua confusão perante o que ele considera como “predisposições primárias”: a bissexualidade constitutiva.

Ao iniciar o estudo da neurose obsessiva, Freud (2015) estabelece o complexo

paterno em “Observações sobre um caso de neurose obsessiva” de 1909, iniciando a virada do olhar psicanalítico ao Complexo de Édipo. Van Haute e Geyskens (2016) demonstram o gradual abandono do conceito de bissexualidade em detrimento do uso da neurose obsessiva com o complexo paterno como novo modelo explicativo às neuroses. Nesse sentido, utilizando da tragédia Édipo Rei, Freud (2015) caracteriza o complexo nuclear que se desenrola durante o desenvolvimento psicosexual infantil “[...]a inscrição a nível do indivíduo daquilo que é constituinte do social” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 217). Tal processo refere-se à expressão do desejo infantil e de sua escolha objetal, onde a criança toma ambos os pais, ou um dos genitores, como objeto de seus desejos eróticos, sendo essa relação constituída por amor e ódio, amor ao objeto desejado e ódio àquele que se coloca como impeditivo à realização de tal desejo (GARCIA-ROZA, 2009).

Mesmo recorrendo ao complexo de Édipo para tentar compreender o estabelecimento da relação objetal e do próprio eu, Freud (2015) ainda termina com um dilema referente à própria questão de sexualidade e gênero, deixando assim pontas soltas às suas definições que acabam por serem rendidas ao normativo vigente na época por seus praticantes e pela própria generalização social:

O menino e a menina que entram no drama edipiano com objetivos incestuosos heterossexuais já foram submetidos a proibições que os “predispuseram” a direções sexuais distintas. Consequentemente, as predisposições que Freud supõe serem os fatos primários ou constitutivos da vida sexual são efeitos de uma lei que, internalizada, produz e regula identidades de gênero distintas e a heterossexualidade. [...] as “predisposições” são vestígios de uma história de proibições sexuais impostas, de uma história que não é contada e cujas proibições buscam torná-la indizível. (BUTLER, 2021, p. 117-118)

Ao abrir-se à discussão da sexualidade e gênero e, deixando aberturas, a teoria psicanalítica diz exatamente sobre sua intenção de ser e ir além, de não restringir, de não fragmentar, mas acolher o todo, sabendo que isso significa renunciar à suposição do saber.

5 DEBATES DE GÊNERO NA PSICANÁLISE CLÁSSICA

O lugar da Psicanálise nas discussões acerca das experiências de gênero e sexualidade toca em conceitos permeados pela vivência corporal, linguística, pulsional e cultural. Viver, tanto à perspectiva psicanalítica quanto à experiência diversa de

gêneros e sexualidades, envolve a busca da desobstrução da expressão de subjetividade, compreensão dos desejos próprios e conseqüentemente uma alteração na relação do sujeito com seu sofrimento (FALBO, 2016) - dentro da medida do possível e do real para cada um.

A teoria psicanalítica se abre aos atravessamentos e às inconsistências de um discurso que não se faz completamente traduzível por palavras e linhas lógicas. Nesse sentido, se faz pertinente a seguinte colocação da psicanalista Patricia Porchat (2013, p. 74):

A psicanálise dirá que o inconsciente se manifesta através de escapes, lapsos e excessos, o que torna o indivíduo parcialmente desconhecido para si próprio e desmonta a possibilidade de se perceber como um ser uno e totalmente aderido a qualquer ideal social e normativo de gênero ou de sexualidade.

Torna-se importante considerar o contexto vigente nos anos de criação da psicanálise, pois não se escapa de um momento regido por um pensamento predominantemente branco, cis, heterossexual e patriarcal. Assim, mesmo representando diversos avanços e choques à normalidade da época, Freud, Lacan e outros que seguiram a psicanálise, ainda se faziam afetados pelo discurso em voga. Ao dar lugar à indecifrábilidade do ser, juntamente com a consideração de sua liquidez, o pensamento psicanalítico abre-se ao questionamento das normas próprias e coletivas, bem como das margens que geram ao promover uma normatização compulsória das expressões e vivências de gênero e sexualidade. Em consonância, Giselle Falbo (2016, p. 3) traz a interessante leitura freudiana:

[...] a despeito de edificar e se identificar a uma imagem de si como corpo unificado, o eu estará recorrentemente sob a ameaça de uma estranheza que lhe é íntima. Como nos adverte Freud, o eu, a despeito da ilusão de integridade, tem fronteiras móveis e bem mais fluidas do que se supõe. Tal como um cemitério de identificações, sua unidade é apenas uma projeção ideal.

Mesmo com uma grande influência positivista de raiz biológica, a visão de Freud (2011) sobre a divisão dos sexos/gêneros jamais se fez reducionista, visto que para ele a separação entre masculino e feminino não se dá de forma concreta, mas de forma sobreposta, entrelaçada, partindo da disposição bissexual comum a todos os indivíduos, bem como a sua herança genética cruzada, o que torna a pureza nos

conceitos “masculino” e “feminino” amplamente inconsistente.

A colocação freudiana “[...]anatomia é destino[...]” (FREUD, 2011, p. 188) propõe-se a analisar o lugar ocupado pelo corpo, sendo esse “[...] um processo de organização libidinal que é contrária à inclinação da natureza e que se constitui de modo singular” (PORCHAT, 2013, p. 74). Levando em conta o conceito lacaniano de falo como marcador da falta, a concepção biológica da diferença sexual/de gênero se desfaz, como apresenta Thamy Ayouch (2014), ao considerar que tal conceito se faz significativo de um desejo que não se estrutura pela diferença anatômica.

Como apresentado pela Teoria *Queer*, é essencial considerar o tipo de sociedade com a qual o sujeito se relaciona, o tipo de cultura e os tipos de significantes que lhe são ensinados e atribuídos desde seu nascimento, mas também é crucial pensar na construção própria e singular que cada um exerce em seu encontro com a lei instituída e sua própria lei simbólica, que permeia esse encontro (PORCHAT, 2013). A relevância dessa reflexão se mostra na seguinte colocação de Patricia Porchat (2013, p. 75):

[...] certamente podemos fazer leituras e classificações a partir dos corpos, mas quando reduzimos as suas diferenças a uma oposição binária, isso se deve a determinados contextos históricos. Como consequência, inviabilizamos a percepção das várias possibilidades corporais e de gênero. A ideia de que existem dois corpos, radicalmente distintos, o corpo-macho e o corpo-fêmea, e que estes são uma chave para a inteligibilidade cultural, isso tem como consequência a invisibilidade de outros tantos corpos.

Ainda refletindo acerca do papel de prescrição de gênero exercido pela cultura, vê-se o componente performativo que atravessa as regulações exercidas e ensinadas pelo conjunto social. Como observado por Thamy Ayouch (2014), repetições de gestos, atos, desejos e atitudes, atribuídos à conformidade a cada gênero, torna tal performance uma norma através da constante reprodução que é ensinada, aprendida e perpetuada. Mesmo nesse sistema contínuo de repetição, escapam as pluralidades, restam os questionamentos, permanece a essência subjetiva e plural das questões de gênero e sexualidade.

Ao ser nomeada através da atribuição de gênero performada pelos adultos, a criança entra em contato não só com a mensagem prescritiva do conceito menina/menino, mas também com tudo aquilo que o adulto pensa sobre o “ser mulher”

e o “ser homem”, juntamente às ambivalências e conflitos inconscientes que acompanham tais significantes. Dessa forma, em sua trajetória de simbolização dos enigmas, a criança irá buscar recursos para aquiescer a esses confusos direcionamentos acerca da atribuição de seu gênero, por vezes, recorrendo ao mesmo caminho trilhado pelos representantes da cultura: o recalçamento dos escapes plurais e diversos da generidade, restando os vestígios inconscientes tais quais os que teve contato inicialmente (AYOUCH, 2014).

Em vista disso, ao retomar a colocação freudiana acerca da determinabilidade da anatomia, é possível questioná-la com base no princípio de que o olhar do Outro⁸ será um contribuinte para direcionar a “performance” que deve ser seguida pela criança. Como observado por Vieira (2020), na visão lacaniana a diferença anatômica entre os sexos não se encontra no real. É, na verdade, um recorte do encontro entre simbólico e real⁹. Ao fixar o olhar a uma concepção binária, performa-se o uso de uma matriz simbólica como real, ou seja, estabelece-se como concreto, como “natural”, uma criação/generalização postulada pelo saber dominante da cultura que, faz-se atravessado por concepções, interesses e afins, reduzindo o real, natural e biológico às suas manipulações. Em outras palavras, o que separaria homens e mulheres não seriam as diferenças em sua anatomia, mas suas formas de gozar, que suplantam qualquer diferenciação anatômica, o que pode ser evidenciado na experiência da transexualidade (FALBO, 2016).

O conceito lacaniano de semblante pode auxiliar na discussão, uma vez que, em consonância com a ideia de performance de gênero, significa o uso da “aparência de ser”, ou seja, os traços, discursos, gestos, dentre outros marcadores utilizados para identificar e dar conta das diferenças de gênero (STONA, 2017). Embora esse conceito em sua forma original tenha sido adequado a certos momentos da história, é importante questionar o quanto ainda se faz aplicável já que, como constatado por

⁸ O Outro, ou “grande Outro”, apresenta-se como lugar do inconsciente onde se localiza a fonte das determinações simbólicas do sujeito, onde fica o conjunto de significantes que marcaram o ser em sua história, sendo assim um repositório de todos os “outros” que foram importantes na construção da pessoa; definindo a partir desses o código pessoal que dialogará com as experiências vividas (QUINET, 2012).

⁹ Para Lacan, simbólico e real consistiriam, respectivamente, como o registro organizador, responsável por suportar a linguagem e sua “simbolização”, como um filtro, do experienciado, tornando-o assim compreensível e compreendido ao nosso psiquismo; enquanto o segundo, o real, é aquilo que escapa, impossível de ser registrado e alcançado pela linguagem, sendo essa a verdade da experiência que fica para trás quando passa pelo registro simbólico (JORGE; FERREIRA, 2005).

Stona (2017), apresentam-se novas coordenadas com a perda dos “semblantes tradicionais”, por meio da abertura para a expressão das diversas possibilidades de sexuação.

Sendo esse só um dos vários exemplos da necessidade/possibilidade de atualização dos conceitos e da escuta psicanalítica, ressalta-se aqui a pluralidade estabelecida na visão psicanalítica clássica, podendo ser solo fértil para as alterações, desconstruções e reconstruções necessárias à escuta clínica do sujeito contemporâneo, portador de uma subjetividade que jamais se cala, manifestando-se nas brechas do código normativo e nos significantes que se apresentam.

6 IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E O ESTRANHO DA CONTEMPORANEIDADE

Tratando do espaço clínico e das questões que perpassam sua escuta, o estranhamento e dificuldade de abertura a novos conceitos e olhares às perspectivas de gênero se fazem um interessante tópico pela ótica do conceito freudiano de *Unheimliche*, “o estranho” (ou o infamiliar, o estranho-familiar), podendo ser entendido como “[...] essa conversão em estranho daquilo que nos é mais familiar, daquilo que nos escapa, mas, ao mesmo tempo, nos constitui e nos organiza em nosso íntimo” (LIMA; VORCARO, 2017, p. 476). Assim, no âmago de cada sujeito, existe um estranho que, mesmo “escondido”, não é tão desconhecido quanto se pensa, sendo altamente identificável ao vê-lo no outro; respondendo a essa identificação com o estranhamento.

Em vista disso, na interpretação de Lima e Vorcaro (2017), o estranho se apresentaria perante o retorno de um componente anterior ao recalque, que após passar por uma série de defesas promovidas pelo eu, coloca-se novamente perante ao sujeito que não dá conta de reconhecê-lo. Assim, como um desafio à “unidade” identitária organizada, o infamiliar representa a ameaça da dissolução egóica.

Ao aplicar tal conceito no âmbito das relações sociais previamente abordadas, nota-se uma correlação entre a experiência do estranho causador de angústia no encontro com o outro e os processos de intolerância que se apresentam. É criada assim uma dicotomia entre “objeto e abjeto”, através de trocas de distinção e introjeção no encontro com um outro, pautadas pelos filtros e normas sociais de

regulação, estabelecendo a familiaridade desse ou a infamiliaridade desejada. Como retrata Porchat (2014, p. 307):

Em relação ao objeto, o sujeito se distingue como um outro que lhe é exterior, ainda que objetos sejam introjetados no psiquismo. Já em relação ao abjeto, pode-se dizer que o sujeito ilusoriamente acredita, ou ao menos gostaria de acreditar, jamais ter tido algum vínculo com aquele. No entanto, o abjeto é um outro que se constituiu a partir desse sujeito. Por ter sido expulso do sujeito, de certa forma ajuda a constituir desde fora essa subjetividade aparentemente pura, sem resquícios da sujeira que também lhe pertence.

Nesse sentido, retornando à perspectiva de Thamy Ayouch (2014) - que compartilha acerca do recalçamento dos “excessos” para adequação às prescrições do processo de reprodução dos definidores da pertença de gênero -, pode-se reconhecer o lugar de estranho-familiar atribuído às subjetividades das experiências de gênero e sexualidade, que se manifestam abertamente frente ao recalque do outro que as afogou em seu inconsciente. Como observado por Patrícia Porchat (2014), o conceito de abjeto estende-se do plano individual ao coletivo, monitorando em si mesmo e no corpo do outro o controle dos excessos que causam nojo ou prazer, que devem ficar fora do sujeito e do ambiente regulados pela lei social.

Por performarem um corte tão profundo e concreto na constituição subjetiva do sujeito, tais imposições referentes à identidade passam a gerar um grande acúmulo de afeto às restrições e ao próprio conteúdo recalçado, tornando qualquer embate com esses energeticamente intenso, principalmente em um contexto em que o coletivo inviabiliza as expressões de afeto, confinando a possibilidade de elaboração; o que torna o estranho mais estranho ainda. Dessa maneira, é interessante trazer Lima e Vorcaro (2017, p. 473) que observam que:

No encontro entre um sujeito cujo semblante sexuado é estruturado dentro da hegemonia heterossexual e um sujeito com semblante abjeto, o primeiro espera ver i(a), um outro-espelho de sua imagem narcísica, mas se defronta com a, o estranho abismo do desejo do Outro. Com Lacan, esse *Unheimliche* é produtor de angústia no eu do sujeito, o que faz vacilar suas identificações em uma experiência de indeterminação. Porém, nossas formas de vida sustentam ficções identitárias demasiado rígidas, que convertem essa angústia do indeterminado em medo e violência. Em certos casos de homofobia e transfobia, um sujeito com semblante normalizado vivencia de maneira improdutiva a ameaça de dissolução do seu eu frente a um estranho que é tido como abjeto, inumano, monstruoso.

Considerar essas experiências traz à tona o lugar da clínica psicanalítica perante as expressões de sofrimento, angústia e desejo que se concatenam nessas trocas, o peso das LGBTQIA+fobias (para os que as sofrem e para os que as praticam, carregando em si a repressão da própria sexualidade e a incapacidade de bancar seus próprios desejos), o peso do afeto que não possui vias de expressão e elaboração, que se circunscreve no medo e na violência, bem como o peso da repetição desse ciclo que perpetua mais um complexo na constituição humana. Assim como outros, se faz um sofrimento que não pode ser ignorado pela psicanálise, pois traz consigo “[...] a organização social que legisla autoritariamente de modo explícito ou infiltrado e dissimulado sobre o corpo, o gênero, as práticas sexuais e, ainda, sobre os desejos sexuais” (PORCHAT, 2013, p. 80). Tal afirmativa vai de direto encontro com os princípios psicanalíticos de consideração dos corpos e identidades em seus significados e profundidades subjetivos, indo além das máscaras de controle e normatização sociais (PORCHAT, 2013).

Levando em conta o próprio processo analítico que, como apontado por Antonio Quinet (1991), constitui e reconstitui a psicanálise a cada novo caso, e traz consigo suas próprias leis e verdades, faz-se válido questionar a própria concepção acerca do “verdadeiro” na prática, já que, segundo Lacan (1992, p. 49):

Se há algo que toda a nossa abordagem delimita, que seguramente foi renovado pela experiência analítica, é justamente que nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo que se pode dizer é isto. [...] o que é a verdade - é, a saber, a impotência.

Assim sendo, saber a impotência tanto própria quanto do outro, se trata de um aspecto fundamental da psicanálise. Faz-se um instrumento de questionamento do enrijecimento de saberes, do estabelecimento de preconceitos e da generalização de termos perante as vivências de sexualidade e gênero que jamais poderiam ser definidas por algo além de suas expressões no real. Saber da não existência e não possibilidade da regra binária heterossexual é uma chamada à “histericização” do pensar psicanalítico, deixando em evidência a incompletude que não será preenchida e, acima de tudo, não deve se querer preencher, definir ou rotular. (MAURANO, 2010)

Estabelecendo o discurso da histórica como aquele que conduz ao saber,

Lacan (1992) exprime a máxima que permite a compreensão da impossibilidade de sustentação da relação sexual, da definição dessa e da ocupação de um único lugar fechado. Nesse discurso, o sintoma, que questiona a lei, que fala sobre a verdade constituinte de cada um, encontra-se em evidência possibilitando, assim, um saber aberto, jamais definitivo, mas congruente com qualquer vivência que ali se apresente (LACAN, 1992).

Em síntese, o que aqui diz se esperar da clínica psicanalítica não se faz estranho aos princípios teóricos originais. Espera-se a não generalização, o não silenciamento das subjetividades e dos desejos que as habitam. Espera-se o acompanhamento das atualizações sofridas pelos significantes, o fornecimento de lugar à singularidade do outro e a compreensão da ininteligibilidade que atravessa o sujeito e suas formas de expressão. Além disso, tratando especificamente da posição do psicanalista, a própria teorização realizada acerca da análise promovida, como observado por Ayouch (2014), se faz amplamente atravessada pela soma dos afetos, pulsões, impressões e heranças do profissional. Por conseguinte, a atualização e abertura aqui atribuídos como necessidade à teoria da psicanálise se estende aos sujeitos responsáveis por exercer a escuta proveniente dessa, desvestindo-se de seus engessamentos e elaborando a própria angústia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs discutir a abertura psicanalítica à fluência e à indeterminação que atravessam a constituição humana, não sendo essa uma linha teórica que deve firmar-se em uma estereotipia que obedece à normas e generalizações. Como explicitado no início, a pretensão deste não seria esgotar o tema e suas possibilidades, mas sim compor um diálogo, utilizando de fontes primordiais e clássicas da psicanálise, mostrando assim que jamais existiu outra intenção além daquela de receber o sujeito em sua totalidade (seja ela qual for), não estabelecendo-lhe rotulações, mas fornecendo-lhe a palavra; e, utilizando também de autores atuais que levantam as demandas contemporâneas, usam da teoria junto do caminhar das expressões e lutam por uma prática que pertença a todos (e não só a alguns).

Os conceitos de gênero e sexualidade aqui focados sempre estiveram presente nas vivências humanas, normativas ou não, e foram (e ainda são) recebidos em confronto e repressão. Nesse sentido, tanto tais vivências diversas como as de intolerância, compõem o quadro psíquico do sujeito, sendo responsável pela concatenação de seus significantes, produção de sofrimento e expressão de complexos, claramente objetos que devem ocupar um lugar no olhar psicanalítico.

É necessário, mais do que nunca, uma escuta livre, uma abertura de braços e conceitos a mais um componente da indefinibilidade humana, tão normal e natural quanto qualquer outra forma de vivência já partilhada e conhecida no ambiente psicanalítico. Além disso, é necessária a constante tentativa de elaboração dos próprios complexos, das próprias angústias de quem ocupa o lugar de escuta, para que não se corra o risco de estar engessado e engessar o outro em um sofrimento normativo. O que tem sido recalçado acerca do prazer, da sexualidade e das experiências de gênero por intermédio de leis culturais deve ser discutido, a possibilidade de fluir entre a determinação e indeterminação deve ser viabilizada em substituição a um pavor de dissolução que ainda assombra o coletivo.

Em conclusão, as vozes da psicanálise aqui utilizadas, tradicionais e contemporâneas, corroboram para um caminhar alinhado a uma visão real das experiências de gênero e sexualidade, indo muito além de um binarismo heterossexual incapaz de abordar tudo que essa faceta humana é. Reconhecer a necessidade de atualizar, de acompanhar, não é desfazer-se de suas origens, mas sim seguir o propósito primordial de uma teoria que abarca o sujeito. Mais profundamente, é viver uma clínica que empuxa a busca de si como próprio enigma, que reconhece as marcas da falta e as impossibilidades de solidificação no caminhar do saber sobre si mesmo. É sabido, mas vale ressaltar que se deve constantemente cortar em carne viva, fazendo pulsar a pluralidade, desfazendo-se das cicatrizações e engessamentos que não abarcam o que já foi, o que é e o que há de ser.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Cristina. Lacan e os quatro discursos. **Publicação Pedagógica**,

Universidade do Minho, Braga, 2006. Disponível em:
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12428>. Acesso em: 18 set 2022.

AYOUCH, Thamy. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 58-70, 2014. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400006. Acesso em: 24 set. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CARNEIRO, Cláudia Aparecida; LAZZARINI, Eliana Rigotto. Acolher a diferença: a função da bissexualidade psíquica na construção da subjetividade. **Tempo Psicanalítico**: Rio de Janeiro, v. 52.1, p. 155-186, 2020. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v52n1/v52n1a07.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CECCARELLI, Paulo Roberto (Org.). **Diferenças sexuais**. São Paulo: Escuta, 1999.

DIAS, Brendali. De que maneira o discurso do analista possibilita fazer furo no discurso capitalista?. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 34, 2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000100003. Acesso em: 18 set. 2022.

FALBO, Giselle. Sexualidade, gênero e corpo. **Opção Lacaniana Online**, São Paulo, n. 20, 2016. Disponível em:
http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_20/Sexualidade_genero_e_corpo.pdf. Acesso em: 24 set. 2021.

FORBES, Jorge et al. **Psicanálise**: a clínica do real. Barueri: Manole, 2014.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário - livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário - livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, Vinícius Moreira; VORCARO, Ângela Maria Resende. O estranho como categoria política: psicanálise, teoria queer e as experiências de indeterminação. **Psicologia em Estudo**: Maringá, v. 22, n. 3, p. 473-484, jul./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/37026/pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ORNELLAS, Maria de Lourdes S.. S1, S2, a, \$: números e letras em quatro discursos. COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI, IX, 2012, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2012. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032012000100018&script=sci_arttext. Acesso em: 18 out. 2022.

PORCHAT, Patricia. Tópicos e desafios para uma psicanálise *queer*. In: FILHO, Fernando Silva Teixeira (Org.) et al. **Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea**. Cuiabá: EdUFMT, 2013. Disponível em: http://www.multimedia.pueg.unam.mx/lecturas_formacion/sexualidades/modulo_2/session_1/complementaria/Teixeira_S_G_Careaga_Queering_problematizaciones_e_insurgencias.pdf#page=74. Acesso em: 24 set. 2021.

PORCHAT, Patrícia. Gênero é um outro. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; FUNCK, Susana Bórneo (Org.). **Políticas e fronteiras: desafios feministas**. Tubarão: Copiart, 2014. Disponível em: <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/Desafios%20feministas%20vol%202%20Políticas%20e%20fronteiras.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

QUINET, Antonio. **Os outros em lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SPÍNOLA, Suzana Barroso. **A teoria do falo no retorno a freud**. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AQJNAB/1/disserta__o_de_mestrado_suzana_faleiro_barroso.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

STONA, José. Anatomia não é destino: um ensaio sobre transexualidades. **Correio APPOA**: Porto Alegre, ed. 264, 2017. Disponível em: <https://appoa.org.br/correio/edicao/264/anatomia_ao_destino_um_ensaio_sobre_as_transexualidades/419>. Acesso em: 24 set. 2021.

VAN HAUTE, Philippe; GEYSKENS, Tomas. **Psicanálise sem Édipo?** Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIEIRA, Marcus André. A anatomia e seus destinos. **Escola Brasileira de Psicanálise** (acervo on-line): São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/a-anatomia-e-seus-destinos/>>. Acesso em: 24 set. 2021